

PIBID E PRÁTICA DOCENTE: REFLEXÕES A PARTIR DE UMA OFICINA DE GEOMETRIA

Milena Lopes Krein ¹
Guilherme de Lima Farias ²
Vera Cristina de Quadros ³

RESUMO

Este relato apresenta minha experiência no Estágio de Prática Pedagógica I, articulado ao Programa PIBID e ao projeto Decola Saeb, com alunos dos quintos anos da Escola Municipal José Delfino Campos de Sousa, no IFMT, Campus Campo Novo do Parecis. Com base em uma avaliação diagnóstica, identifiquei dificuldades dos alunos em habilidades relacionadas à geometria, especialmente na diferenciação entre área e perímetro e no reconhecimento de ângulos. A partir disso, planejei e ministrei uma oficina com atividades contextualizadas e uso de materiais concretos, como malhas quadriculadas, cartões de EVA e mapas, além da proposição de situações problemas ligados ao cotidiano dos estudantes. Também foram utilizados recursos digitais e jogos matemáticos, com o intuito de promover uma aprendizagem mais significativa e participativa. O referencial adotado se baseia em Pimenta e Lima (2012), que entendem o estágio como espaço de construção da identidade docente por meio da articulação entre teoria e prática. Embora não seja possível afirmar com clareza que os alunos aprenderam plenamente os conteúdos abordados, foi possível perceber maior engajamento, participação ativa e alguns indícios de avanço conceitual durante a oficina. Como acadêmica, vivenciei desafios com o gerenciamento do tempo, adaptação do espaço, mediação de diferentes ritmos de aprendizagem e necessidade de improvisar soluções diante de imprevistos. Também percebi o quanto a escuta atenta, o planejamento flexível e a criatividade são fundamentais na prática docente. A experiência contribuiu significativamente para minha formação, ao permitir que eu me visse no papel de professora e compreendesse mais profundamente os caminhos e incertezas do ensinar.

Palavras-chave: Estágio docente; Ensino de matemática; Geometria; Metodologias ativas; Educação Básica.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da IFMT Campus Campo Novo do Parecis – MT, lopeskreinmilena@gmail.com;

² Mestre em Matemática (UNEMAT), professor da rede municipal em Campo Novo do Parecis - MT e supervisor no PIBID, guilhermecnpm@gmail.com;

³ Doutora em Ensino (UNIVATES), docente da Licenciatura em Matemática do IFMT Campus Campo Novo do Parecis – MT e coordenadora de área do PIBID, vera.quadros@ifmt.edu.br.

INTRODUÇÃO

A formação de professores é um processo complexo, construído pela mediação entre teoria e prática, reflexão e ação. Nos cursos de licenciatura é de suma importância vivenciar as práticas pedagógicas, principalmente em espaços reais de ensino. É uma inserção fundamental para que o futuro professor possa compreender os desafios que envolvem essa profissão e torne-se capaz de desenvolver sua própria identidade docente. Neste contexto, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e também o Estágio Supervisionado se tornam importantes bases na formação inicial, pois além dos ensinamentos também permitem o contato direto com o ambiente escolar, favorecendo desta forma o desenvolvimento dos conhecimentos profissionais necessários para o exercício da docência.

O presente relato se encaixa nessa perspectiva e apresenta uma experiência vivenciada na Escola Municipal José Delfino Campos de Sousa, no município de Campo Novo do PARECIS – MT, com atividades vinculadas ao projeto Decola Saeb. Esse projeto tem como objetivo principal auxiliar os estudantes do 5º ano do ensino fundamental a melhorarem seu desempenho nas avaliações externas, especificamente na prova cognitiva do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), reforçando aprendizagens essenciais em Língua Portuguesa e Matemática.

As atividades do Decola Saeb ocorreram no contraturno escolar e algumas aulas foram planejadas e executadas por bolsistas do PIBID de Matemática do IFMT Campus Campo Novo do Parecis, em parceria com o professor supervisor do PIBID, com a professora orientadora do estágio, além da equipe pedagógica da escola.

As oficinas tinham o propósito de consolidar objetos de conhecimento de Matemática, na área da geometria, identificados como pontos de maior dificuldade por meio de uma avaliação diagnóstica, realizada pela secretaria de educação. Os temas centrais foram área, perímetro e ângulos, trabalhados de forma prática e lúdica, com uso de materiais manipuláveis, mapas, malhas quadriculadas, EVA e jogos digitais.

Além de ministrar a Oficina 2, também participei como monitora em outras atividades conduzidas pelas colegas estagiárias, o que ampliou meu olhar sobre o trabalho coletivo, o planejamento e as diferentes formas de conduzir o ensino.



METODOLOGIA

Este relato de experiência é de natureza qualitativa interpretativa, pois se baseia na vivência direta no contexto escolar e na reflexão sobre as práticas realizadas. As ações ocorreram entre os meses de abril e junho de 2025, com turmas do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal José Delfino Campos de Sousa, em Campo novo do Parecis – MT, no período vespertino, às segundas-feiras, das 17h e 15min às 18h e 30 min.

O planejamento das oficinas foi construído de maneira coletiva pelas bolsistas do PIBID de Matemática, sob orientação da professora supervisora e da coordenação do projeto Decola Saeb. A primeira etapa envolveu o diagnóstico das defasagens de aprendizado dos alunos, que evidenciou falta de compreensão dos conceitos de geometria plana, como um dos descritores, especialmente quanto à distinção entre área e perímetro, à identificação de figuras, utilização da malha quadriculada e o reconhecimento de ângulos.

Com base nesses descritores de geometria (do SAEB), foram planejadas duas oficinas. A Oficina 1 teve como tema central consolidar a noção de área e perímetro com a malha quadriculada. Teve o objetivo de promover a compreensão dos conceitos de perímetro e área a partir de seu conhecimento prévio e da observação de figuras construídas e comparadas visualmente. A oficina foi organizada em três momentos principais:

1. Abertura e diálogo inicial: o encontro começou com uma acolhida e uma conversa sobre ocupar um espaço e sobre onde encontramos esse conceito no dia a dia, como em pisos, paredes, terrenos e folhas de caderno; provoquei a curiosidade e a participação com a seguinte questão - *se vocês fossem forrar o chão do quarto com um tapete, como saberiam qual tamanho do tapete para cobrir tudo sem sobrar nem faltar?*

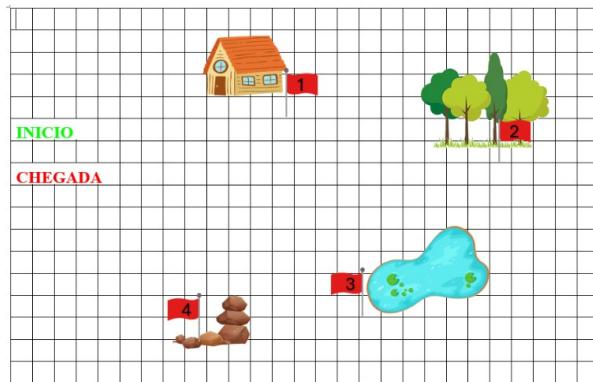
2. Atividades práticas na malha quadriculada: os alunos receberam cartões de EVA de quadriláteros representando o chão de um quarto e uma malha quadriculada; orientados a sobrepor o cartão sobre a malha e desenhar seu contorno, observaram o número de quadradinhos que ocupavam o interior da figura; a contagem permitiu compreender que a área é medida pela quantidade de unidades quadradas que preenchem uma superfície já o contorno seu perímetro; os alunos compararam entre si



suas figuras sendo tamanhos e formatos diferentes, percebendo que formas distintas podem ter áreas iguais.

3. Atividades digitais e desafios: na etapa final, utilizamos um mapa chamado de “Caça as bandeiras” onde atrás havia uma malha quadriculada. Os estudantes, com o apoio dos monitores, exploraram o mapa e precisaram calcular o perímetro percorrido durante o trajeto, comparando resultados e discutindo outras estratégias.

Figura 1 – Caça às bandeiras



Fonte: elaboração própria, 2025.

Pelo que foi observado, essa oficina proporcionou aos alunos uma experiência concreta e interativa acerca dos conceitos de área e perímetro, pois participaram ativamente das atividades propostas, expondo suas compreensões e argumentos.

A Oficina 2, por sua vez, teve como tema central ângulos retos e sólidos geométricos. O objetivo foi suscitar o reconhecimento e a classificação de ângulos (retos ou não) e a identificação dos sólidos geométricos e suas planificações, favorecendo, de modo especial, a percepção das formas presentes no ambiente escolar e no cotidiano. Essa oficina foi estruturada em três momentos:

1. Abertura e diálogo exploratório: antes do início das atividades, organizei a sala em formato de semicírculo para facilitar a interação; o encontro começou com uma acolhida e apresentação do objetivo do dia, seguida de um diálogo junto dos alunos sobre o que sabiam sobre ângulos. Fiz perguntas como: *O que é um ângulo?*, *Onde encontramos ângulos nas figuras geométricas?* e *Todos os ângulos têm o mesmo*



tamanho?. A partir das respostas, revisamos os conceitos de ângulos retos e não retos, destacando suas diferenças e mostrando exemplos concretos na própria sala de aula.

2. Construção e aplicação do esquadro de papel: os alunos foram orientados a confeccionar um esquadro de papel por meio de dobraduras. Esse material serviu como instrumento para identificar ângulos retos nos objetos do ambiente, como quadros, portas e janelas. A atividade foi muito participativa, e os alunos circularam pela sala para testar o uso do esquadro, registrando suas observações. Em seguida, receberam uma atividade impressa retirada de um simulado preparatório do SAEB, que demandava reconhecer ângulos em figuras planas. A resolução foi feita individualmente, com correção oral e coletiva no quadro.
3. Exploração dos sólidos geométricos e jogos matemáticos: na mesma folha havia também uma atividade sobre planificação de sólidos geométricos; para a resolução fiz demonstrações com modelos tridimensionais, enfatizando os conceitos de faces, arestas e vértices. Depois, os alunos receberam jogos de dominó e jogos da memória envolvendo figuras geométricas ou planificações. As dinâmicas em grupo permitiram aplicar de forma lúdica os conceitos aprendidos, promovendo a cooperação, a argumentação e o raciocínio visual.

Figura 2 - Jogo de Memória



Fonte: elaboração própria, 2025.



Essa segunda experiência contribuiu para que os alunos consolidassem os conceitos matemáticos, tendo em vista o desenvolvimento das habilidades requeridas no descritor do SAEB, pois permitiu-lhes pôr em interação seus conhecimentos prévios com os conhecimentos escolares, em virtude do que experienciavam em sala de aula.

Os registros foram feitos por meio de anotações reflexivas, fotografias e relatórios coletivos (entre as estagiárias e bolsistas do PIBID). Após cada oficina, o grupo realizou momentos de socialização, para avaliar o andamento das atividades, propor ajustes e refletir sobre os resultados observados.

REFERENCIAL TEÓRICO

De acordo com Pimenta e Lima (2012), o estágio é um espaço de articulação entre teoria e prática, em que o licenciando passa a compreender o ato de ensinar como um processo reflexivo, criativo e contínuo. Para as autoras, é “na vivência da sala de aula que o futuro professor se reconhece como sujeito da ação educativa” (p. 34).

Nóvoa (1997) complementa que a identidade profissional docente se constrói na prática e nas relações estabelecidas no cotidiano escolar. A observação, o diálogo e a experimentação são essenciais para que o professor aprenda a ensinar. Essas ideias dialogam com Lorenzato (2010), que defende o uso de materiais concretos e metodologias ativas como caminhos para tornar a aprendizagem matemática mais significativa.

Ao buscar resolver situações contextualizadas, que possibilitam a manipulação de materiais didáticos, a experimentação, a criação e o diálogo, o aluno desenvolve não apenas o raciocínio lógico, mas também a capacidade de compreender os conceitos de forma profunda e duradoura, isto é, de forma significativa.

Com base nesses referenciais, as oficinas do projeto Decola Saeb foram planejadas como espaços de aprendizagem compartilhada, em que o conhecimento matemático fosse construído de modo prático, colaborativo e contextualizado à realidade dos alunos, ou seja partindo do conhecimento prévio até o desenvolvimento de relação entre vivencia e conceito científico estudado em sala.



RESULTADOS E DISCUSSÃO



Das oficinas realizadas, foi possível observar resultados positivos, como: interesse dos alunos em participar, em realizar as atividades propostas; envolvimento de todos da turma; suas respostas argumentativas revelaram seu crescente domínio dos conceitos geométricos. Ainda,

era perceptível um maior interesse e envolvimento quando trabalhavam com material manipulável, como apresentado na figura 3.

Durante a atividade com malhas quadriculadas, no início, muitos alunos confundiram área e perímetro. No entanto, após desenharem e medirem suas próprias figuras, muitos demonstraram ter conseguido compreender que o perímetro está relacionado ao contorno e a área à superfície interna. Igualmente, as dobraduras de papel e os cartões de EVA contribuíram para o reconhecimento de ângulos, tornando o aprendizado mais visual e intuitivo.

Figura 3 – Realização das oficinas





Fonte: da autora, 2025.

Os jogos e desafios foram o ponto alto das oficinas. A competição saudável estimulou a participação e a troca de ideias entre os alunos, revelando diferentes estratégias de resolução.

Durante a regência, busquei agir como mediadora, explicando os conceitos, conduzindo as atividades e interagindo com todos os alunos. Em outros momentos, participei como monitora, auxiliando as outras colegas estagiárias na organização do espaço, no apoio individual aos estudantes e na mediação de dúvidas. Essa alternância de papéis foi importante para observar diferentes perspectivas do processo de ensino.

Enfrentei alguns desafios nessa primeira experiência de regência, como: o gerenciamento do tempo (principalmente na transição entre as atividades); a adaptação do espaço físico (pois as salas eram pequenas e não havia como formar um semicírculo com todos); a necessidade de adequar as explicações aos alunos, conforme seus ritmos de aprendizagem e conhecimentos prévios que detinham. Apesar disso, pelo experiente, consegui perceber e compreender a importância de um planejamento bem feito, ou seja, de criar a oficina e estuda-la, preparando-me para a sua aplicação. Estar segura quando ao conteúdo matemático e aos procedimentos metodológicos escolhidos, permitiu-me ter flexibilidade para ajustar as atividades ao tempo da oficina, bem como a ter uma escuta atenta aos alunos - para respeitar seus ritmos, mas sem deixá-los ociosos.

Nas oficinas realizadas pelas colegas, envolvendo outros conteúdos de matemática, pude atuar como monitora. Foi possível ver mais de perto cada aluno, suas percepções, dúvidas, conhecimentos prévios e defasagens a serem superadas. Nem sempre a forma adotada para explicar a um aluno servia para outro aluno. Isso exigiu o uso de variadas formas de representação para mediar suas aprendizagens e o uso de diferentes linguagens, por vezes, mais simplificada e com exploração de material manipulável.

Analiso que essa alteração de função (regência e monitoria) foi essencial para perceber os dois lados do ensino, pois as singularidades que não foram percebidas durante a regência, por conta de estar à frente da turma, tendo que ver e guiar as atividades de todos, depois, na



monitoria, foram observadas. Por isso, refleti que meu maior aprendizado sobre o ensinar foi compreender a importância de tornar compreensível um conhecimento matemático ao aluno, em criar efetivas e eficazes condições para a sua aprendizagem. Ainda, constatar que o trabalho colaborativo, entre as estagiárias, potencializou o aprendizado dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência nessa escola municipal representou um momento marcante da minha formação profissional, como futura professora de Matemática. Realizar o primeiro estágio supervisionado, articulado ao PIBID e inserido no projeto Decola Saeb da escola, permitiu-me compreender de forma concreta o papel do professor como mediador do conhecimento, planejando situações didáticas participativas e contextualizadas e que precisa estar sempre estudando e aprendendo.

As oficinas de geometria confirmaram o que estudamos, na teoria, sobre a relevância e importância da adoção de uma metodologia ativa, explorando atividades contextualizadas, com uso de recursos concretos variados. Houve, de fato, a participação ativa e a construção do conhecimento matemático. Por isso, considero que o aprendizado propiciado se tornou mais significativo, com o protagonismo dos alunos, envolvidos e interessados.

Como futura professora, aprendi que a docência exige sensibilidade para lidar com diferentes ritmos, disposição para explicar quantas vezes forem necessárias, coragem para aprender junto com os alunos e sempre estar com a mente aberta para diferentes experiências que estejam por vir. A vivência nesse projeto reforçou minha certeza de que a formação docente se faz na prática, iluminada pela teoria, no diálogo e na reflexão constante sobre o como ensinar e o que ainda se tem para aprender.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Instituto Federal de Mato Grosso Campus Campo Novo do Parecis, à coordenação do PIBID e ao projeto Decola Saeb pela oportunidade de vivenciar esta experiência. Estendo meus agradecimentos à Escola Municipal José Delfino Campos de





Sousa, à professora supervisora, às colegas estagiárias e aos alunos do 5º ano, que tornaram cada oficina um espaço de descoberta e aprendizado mútuo.
IX Seminário Nacional do PIBID

REFERÊNCIAS

LORENZATO, Sérgio. Para aprender matemática. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

NÓVOA, Antônio. **A formação da profissão docente**. In: NÓVOA, Antônio. (coord.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.